

Transformações na intimidade no século XXI

Sissi Vigil Castiel*

A clínica de anos atrás era freqüentada principalmente por mulheres que vinham por desventuras amorosas, por não entenderem o que os homens esperavam delas e pela distância que existia entre o que esperavam dos homens e o que eles realmente eram. Este estado de coisas trazia impasses para o estabelecimento de relações mais íntimas. Hoje a clínica é na maioria de homens que vem pelos mesmos motivos. Porque houve esse deslocamento dos homens para as mulheres?

Passamos um século discutindo e teorizando sobre as mulheres. A queixa feminina, no início do século XX era a de que não havia paridade, nem intimidade, pois a posição submissa em relação ao homem que no império patriarcal detinha uma autoridade incontestável impedia uma relação de intimidade. O século XX foi marcado pela luta das mulheres com relação a igualdade de direitos, o reconhecimento do desejo feminino, a posição de sujeito ao invés da posição de objeto. O que acabou desembocando na liberação sexual.

M. R. Kehl (1998) tem demonstrado a importância que a psicanálise teve na passagem das mulheres da posição de objeto do desejo do outro à posição de sujeito de seu desejo. Acrescento que a psicanálise teve seu papel também na liberação sexual. Por exemplo, em 1908, Freud dizia que o recalque da sexualidade que a civilização impunha trazia prejuízos para as individualidades, as neuroses advinham disso. A liberação sexual e a posição feminina com relação à assunção do próprio desejo são respostas da civilização a esse modelo de que o recalque da civilização traz prejuízos.

Ocorre que no momento em que as mulheres se assumiram como sujeito de seu desejo, isto trouxe implicações para os homens, porque diante de uma cultura patriarcal o lugar masculino era inquestionável e os homens tinham sido criados por mães e pais que os viam com um lugar inquestionável. A partir do momento em que as mulheres se apossaram do lugar de sujeito, o lugar masculino passou a ser questionado. Isto acarretou por vezes angústia, impotência, passividade e por vezes tédio com relação às

mulheres. Alfredo Jerusalinsky (2007) no seminário O declínio do império patriarcal demonstra que como consequência dessa posição subjetiva das mulheres aconteceu uma feminização do homem no nosso século. Enfim, o que eles eram não é mais suficiente para o modelo atual. O autor se refere a questão de que os homens deslocados de seu lugar de poder, aproximaram-se do lugar feminino, causando um vácuo na posição masculina. Entendo que isso explicaria a passividade que, por vezes, se vêem os homens atualmente e, por outro lado, o desencontro que isso provoca nas relações entre os sexos. Esses desencontros implicaram em uma diminuição de expectativas de parte a parte e a redução do objeto amoroso à eventual parceiro sexual.

Do ponto de vista do fato social, esses desencontros se explicariam pela idéia de que no século anterior havia ideais pelos quais se lutava, ou seja, o sujeito se preocupava com o que estava fora dele. A queda das utopias associada a questão de assumir o próprio desejo – presentificada pela revolução sexual coloca o individual como centro da preocupação do sujeito.

O desejo e o individual foram plenamente absorvidos pelo modelo neoliberal – que preside a economia mundial. Este tem a mídia como um dos seus pilares. Assim que está imposto: o que você quer você pode e agora, ou seja, goze imediatamente. As consequências que isso trouxe para as relações entre homens e mulheres (que assistimos na clínica e na vida) é que o direito a ter uma sexualidade satisfatória em iguais condições que o homem por parte da mulher se transformou não em uma intimidade maior entre ambos, pelo contrário o encontro, muitas vezes ficou reduzido ao exercício da sexualidade independente do objeto. Com isso, o objeto de amor foi reduzido a eventual parceiro sexual. A liberação sexual não trouxe profundidade de relacionamento. Estamos em tempos de sexo. O você quer, você pode é lido em relação ao exercício da sexualidade, descarga. Portanto, a igualdade, não trouxe intimidade porque se diminuiu a curiosidade e o interesse sobre o outro, porque também diminuíram as expectativas.

Com isso, se apossa de todos nós aspectos depressivos e nostálgicos de um tempo anterior em que nos parece que havia mais intimidade. Esse paraíso perdido nunca existiu, antes não havia intimidade, havia vida familiar, que não quer dizer intimidade necessariamente, na medida em que todos na família estavam submetidos a autoridade inquestionável do pai que decidia o destino de todos, muitas vezes, de forma

pouco justa. Pelo lado do pai, esse lugar provocava uma solidão absurda que se desafogava no exercício da sexualidade fora de casa, já que a mulher e a amante não podiam ser a mesma pessoa. Então, entre homens e suas esposas, homens e amantes também não havia intimidade.

A partir disso, vê-se que a liberação sexual trouxe conseqüências boas e ruins. As boas são que em toda a história da civilização nunca fomos tão livres. A igualdade de direitos proporciona a possibilidade de intimidade. Segundo Theodore Zeldin (2009) que escreveu a *Uma história íntima da humanidade*, a intimidade é a capacidade de compartilhar o nosso ser com o outro, resguardando o lugar do diferente em cada um. Nisso joga um papel importante a curiosidade e o interesse sobre o outro. Essa dimensão passa a existir como potencialidade a partir da igualdade que temos hoje, mas a prática clínica tem demonstrado que essa maior intimidade no encontro com o outro não aconteceu. Isto se relaciona às conseqüências ruins da revolução sexual que advém, em minha opinião, do enfraquecimento do recalque como mecanismo constitutivo das individualidades e das relações sociais.

A queixa sobre a falta de intimidade e de profundidade se relacionam com a questão do que houve com o amor em tempos de sexo. Para se pensar nisso é preciso pensar nos diferentes mecanismos que originam essas diferentes capacidades. A curiosidade e o interesse sobre o outro são possibilitados pela sublimação da pulsão. Então, o que nos concerne falar é sobre o conceito de sexualidade e as inter-relações entre recalque, sublimação e satisfação da sexualidade.

A sexualidade em Freud é definida como relativa a todas as excitações e atividades que levam ao prazer desde a infância, independente da genitalidade e das necessidades fisiológicas. Assim, Freud (1905) diz que desde a infância surgem excitações e tensões no corpo que são satisfeitas por um objeto externo em um primeiro momento. Essa satisfação fica como uma marca, uma inscrição. Quando uma nova tensão semelhante surgir a tendência será a de buscar uma satisfação semelhante. Dessa forma, Freud demonstra que a sexualidade surge como uma tensão no nível do corpo, mas que dispara uma marca psíquica. Essa articulação entre corpo e psiquismo é o que chama de pulsão. Em um segundo momento, a sexualidade se independiza do objeto externo e a satisfação é buscada através do próprio corpo do sujeito. Então, o que caracteriza a sexualidade infantil é que a fonte e o objeto da pulsão são o próprio corpo

do sujeito, as pulsões se satisfazem no nível do corpo o que constitui o auto-erotismo e o narcisismo. O fim do período da sexualidade infantil ocorre através do recalque que impossibilita a satisfação destas pulsões. Daí decorre a transformação do narcisismo e a castração. Com isso, a sexualidade só terá uma satisfação diretamente corporal novamente a partir da puberdade quando da instalação da genitalidade. O recalque das pulsões parciais possibilita a posterior sublimação da sexualidade. A partir do recalque das pulsões parciais, passa a existir uma nova possibilidade de satisfação para as pulsões parciais que é a satisfação simbólica. Nessa, a satisfação perde a relação com a satisfação diretamente corporal. A satisfação é mediada pelo simbólico. Isso constitui a sublimação da sexualidade. Nesse sentido, o que se sublima são as pulsões parciais de ver, de exibir-se, de maltratar de ser maltratado. Sublimar essas pulsões significa que se possam constituir outros objetos que sejam símbolos dos objetos originais para a satisfação delas. Entendo que é por isso mesmo que Freud usa a palavra sublimação para definir esse processo, no sentido da evaporação, da passagem do sólido ao gasoso. Porque existe toda a vinculação da pulsão com o corpo. A pulsão é uma tensão que surge em uma zona corporal e que será satisfeita, durante o narcisismo, no nível do corpo. Quando as pulsões parciais não podem ser satisfeitas e por isso são recalçadas, depois do complexo de Édipo, existe a possibilidade de que sejam sublimadas, no sentido de que aí será satisfeita ao nível do símbolo, como uma abstração, uma evaporação.

A partir desse estado de coisas pode se observar que a sexualidade em Freud tem, além da genitalidade, uma dimensão criativa, de realizações, ou seja, a sexualidade sublimada que dá origem as realizações humanas no plano da cultura. No entanto, para que isso aconteça, é preciso que os objetos primários tenham sido recalçados.

Em 1914, Freud tenta diferenciar sublimação e recalque, especificando mais cada um desses mecanismos. Afirma que a sublimação é um mecanismo posterior ao recalque, ou seja, é preciso que haja recalçamento antes, para poder se ter a capacidade de sublimar. Ao mesmo tempo, diz que o conteúdo pulsional que é sublimado não é o mesmo que o que é recalçado. E que nem toda pulsão pode ser sublimada, uma parte da sexualidade tem que ser satisfeita. Quer dizer, é necessário que tenha acontecido recalçamento para que a parcela das pulsões parciais pré-genitais possa ser sublimada. A sexualidade genital é o que pode ser satisfeito. O que pode ser sublimado e o que pode ser satisfeito são aspectos diferentes da sexualidade: a sexualidade genital tem que

ser satisfeita, a sexualidade pré-genital pode ser satisfeita simbolicamente através da constituição de outros objetos para sua satisfação. O recalque é o recalque do objeto. No fim do complexo de Édipo o que se recalca são os objetos primários, para que se abram as portas para outros objetos, através dos quais a sexualidade irá se satisfazer no futuro. Do contrário, se não há recalque o sujeito fica alienado em uma posição narcisista, onde os objetos são simulacros de si mesmo.

No nível das relações amorosas o desejo de conhecer, de ter intimidade e profundidade de relação se dá por essa capacidade de sublimação da sexualidade que possibilita investir o outro com interesse. Portanto, percebe-se que existe na sublimação da sexualidade uma dimensão ligada a alteridade. É porque os objetos primários estão recalcados que se pode investir o outro com curiosidade. No nível da satisfação da sexualidade, o recalque da sexualidade possibilita que os objetos primários sejam contornados e assim a sexualidade genital possa ser satisfeita. Se não há recalque a satisfação da sexualidade se dá com outro reduzido à condição de objeto parcial. Mesmo em uma época de muito sexo como a nossa, percebe-se na clínica uma dimensão muito restrita da sexualidade, na medida em que pelo enfraquecimento do recalque, o que o sujeito busca no outro é a completude em uma perspectiva narcisista.

Se o recalque produzia neuroses, a falta dele produz patologias mais graves porque a falta do recalque perpetua as formas primárias de ligação com os objetos. O debilitamento do recalque implica em que o sujeito fique fixado em seus objetos primários que é o que ele busca nas estruturas sociais para a satisfação das pulsões, ficando impossibilitado de realizar trocas de objetos.

Quando se reduz as condições do amor à satisfação da sexualidade parcial tal como no mundo pós-moderno, acarreta-se que os canais de sublimação fiquem impedidos implicando em pobreza de relação e reduzindo os encontros entre os sexos no exercício puro da sexualidade como tal. São diferentes contextos em que a sexualidade aparece. Então, é preciso o exercício da sexualidade, mas isso não traduz tudo. No nosso mundo, o do goze imediatamente estas diferentes dimensões da sexualidade estão confusas, por que a dimensão simbólica da existência está confusa.

Em Queime depois de ler, último filme dos irmãos Cohen que fazem uma crítica muito ácida ao modo de vida americano, tudo acontece no filme porque a protagonista uma mulher de mais ou menos 50 anos, solitária, professora de academia, acredita que

para encontrar o amor verdadeiro ela precisaria de plásticas que a deixassem jovem. Só que o único homem sensato, consistente, que poderia ser capaz de amar sempre esteve ao seu lado e ela nunca sequer percebeu. Aliás, ele morre por ela e ela não consegue perceber isso, pois para ela antes de tudo precisa se tornar atraente, jovem como pré-condição para depois buscar o amor verdadeiro.

Então, o filme mostra a dimensão de conflito que existe atualmente. Ainda se quer parceria, intimidade, cumplicidade, etc, mas se espera encontrar isso através da dimensão do exercício e da satisfação da sexualidade. Isso só pode ser encontrado na dimensão simbólica da sexualidade. O lugar do símbolo é o que está reduzido.

No entanto, existe conflito, existe o desejo dessa dimensão simbólica, sublimatória da sexualidade por isso ainda se vê filmes, se vê novelas. Renato Mezan (2008) em uma conferência sobre O amor romântico no século XXI diz que ainda se vê porque ainda há esperança de que o amor profundo nos aconteça. Claro que isto está longe de cair na ingenuidade de supor que o amor resolveria os problemas que nos assolam.

Portanto, para finalizar poderia dizer que nos termos em que a psicanálise pode contribuir para a compreensão dos encontros e desencontros entre os sexos no nosso contexto social, que se a repressão da sexualidade não era suficiente para dar conta do modelo da intimidade, por outro lado, também não se trata de não haver recalque, pois o seu debilitamento só nos tem demonstrado as nefastas conseqüências da busca incessante por formas primárias de ligação com os objetos. Ter direito à satisfação sexual que nos era vedada, foi um grande passo o que não significa recriá-la incessantemente, transformando os objetos em parciais. Pode-se dizer que a diferença entre o recalque, a satisfação e a sublimação da sexualidade permitem entender que a ausência do recalque impede o acesso ao simbólico no sentido de que, a sublimação das pulsões parciais é justamente a capacidade de simbolizar a sexualidade, traduzindo o encontro do pulsional com a cultura.

Nesse sentido, desde o ponto de vista da técnica analítica se colocam algumas questões em relação aos processos psíquicos do recalque e sublimação. Com relação ao primeiro, trata-se de uma questão ética diante do desejo. No entanto, observa-se que em alguma medida a clínica psicanalítica, algumas vezes, levou a ética do desejo

às últimas conseqüências como se o fato de o sujeito querer verdadeiramente algo fosse motivo suficiente para fazê-lo.

Entendo, no entanto, que no que diz respeito a questão da dimensão terapêutica, o objetivo de uma análise não pode ser somente o conhecimento do passado. A apropriação do desejo e o passado objetivam um presente e um futuro diferenciados. Nesse sentido, uma parte importante da análise é um projeto terapêutico e desse faz parte formas alternativas de satisfação do desejo, que tem relação com a participação da sublimação na clínica psicanalítica. Isso traduz uma dimensão estética que é paralela a ética e é a especificidade da sublimação.

A ética fala de uma falta, a estética de uma presença, a estética se relaciona ao destino que se pode dar à falta que a ética impõe. Então se o recalque nos coloca diante da ausência das formas primárias de satisfação a estética permite realizações a partir dessa falta. Esse processo é o que se denomina sublimação; a capacidade de dar forma a pulsionalidade. (Castiel, 2007)

No entanto, ainda que a sublimação contemple uma dimensão estética isso não quer dizer que se possa confundir toda atividade artística com um processo sublimatório. A estética está colocada aqui no sentido da capacidade de dar forma a pulsionalidade.

Referências bibliográficas:

- CASTIEL, S. (2007). *Sublimação: clínica e metapsicologia*. São Paulo: Escuta.
- FREUD, S. (1905). *Tres ensayos de teoría sexual*. In: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, Vol.7
- _____. (1908). *La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna*. In: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, Vol.9.
- _____. (1914). *Introducción del narcisismo*. In: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, Vol.14.
- JERUSALINSKY, A. (2007). *Seminário V – O declínio do império patriarcal*. São Paulo. USP.
- KEHL, M.R. (1998). *O deslocamento do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.

- MEZAN, R. (2008). *O amor romântico no século XXI*. In: XX fórum nacional – Brasil um novo mundo nos trópicos. Inae. Rio de Janeiro.
- ZELDIN, T. (2009). *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro: Bestbolso.

*Psicanalista, doutora em psicologia pela Universidade Autônoma de Madri, membro-pleno e diretora de ensino da Sigmund Freud associação psicanalítica de Porto Alegre, autora do livro *Sublimação: clínica e metapsicologia*. São Paulo, escuta, 2007.